



UMA LEITURA DISCURSIVO-ECOSSISTÊMICA DO CONTO ‘MARIA’ DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Michelly Jacinto Lima Luiz (UFG/NELIM)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/ NELIM)

Abstract: This article analyzes the short story “Maria”, by Conceição Evaristo, from the perspective of Ecosystemic Discourse Analysis, to observe how the discourse of racial prejudice impels the subjects to practice violence against the black population, in addition to determining the way the Afro-Brazilian population interacts socially. This story tells the story of the character Maria, a black woman, who lives in a slum, works as a domestic worker in the home of a high-income family. On the way home, after another day of work, she gets on a bus that is assaulted by her ex-partner. The man is the father of her first child and her great love. She becomes a victim of lynching, as a result of a mistake. Ecosystemic Discourse Analysis, proposed by Couto (2014), has as central concepts the valorization of life and the fight against avoidable suffering, and adheres to the ideology of life. It was noticed that this narrative highlights discrimination and prejudice against black people and disadvantaged economic class, in addition to focusing, through disharmonious interactions, the contempt and exclusion suffered by black people and women.

Key-words: Afro-Brazilians; Ecological Discourse Analysis; Discrimination.

Resumo: Este artigo analisa o conto “Maria”, de Conceição Evaristo, da perspectiva da Análise do Discurso Ecológico, para observar como o discurso de preconceito racial impele os sujeitos a praticarem violências contra a população negra, além de determinar a forma como a população afro-brasileira interage socialmente. Este conto narra a história da personagem Maria, mulher negra, que vive em uma favela, trabalha como empregada doméstica na casa de uma família de alto poder aquisitivo. Na volta para casa, depois de mais um dia de trabalho, entra em um ônibus que é assaltado pelo seu ex-companheiro, pai de seu primeiro filho e seu grande amor, e morre, vítima de linchamento, em decorrência de um engano. A Análise do Discurso Ecológico, proposta por Couto (2014), tem como conceitos centrais a de valorização da vida e a luta contra o sofrimento

evitável, defendendo a ideologia da vida. Percebeu-se que essa narrativa evidencia a discriminação e o preconceito contra as pessoas negras e de classe econômica desfavorecida, além de colocar em foco, por meio de interações desarmônicas, o desprezo e a exclusão sofridos pelas pessoas negras e do sexo feminino.

Palavras-chave: Afro-brasileiros; Análise do Discurso Ecológica; Discriminação.

Introdução

O conto “Maria”, da coletânea *Olhos d’água* (2016), já havia sido publicado na edição de número 14 dos *Cadernos Negros* (1991). No livro *Olhos d’água* percebe-se que Conceição Evaristo coloca em evidência a população afro-brasileira, versando sobre a pobreza e a violência pública e privada que os acometem. Na obra estão presentes “mães, filhas, avós, amantes, homens e mulheres, todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição” (EVARISTO, 2016). Neste livro a autora denuncia e critica as difíceis condições enfrentadas pela comunidade negra no Brasil.

Tendo em vista a obra desta autora nota-se que o lugar que o negro ocupa na sociedade é estabelecido pela memória histórica e coletiva que o brasileiro tem do negro. Assim, pode-se dizer que a memória é um fator determinante na identidade social e no padrão de vida dos afro-brasileiros, pois observamos que o negro ainda é vítima do preconceito decorrente da memória da escravidão vivida no Brasil há séculos. Esse fato é discutido pelo historiador Jaime Pinsky (2010, p. 7) que assevera que “a herança escravista continua mediando nossas relações sociais quando estabelece distinções hierárquicas entre trabalho [...], quando determina habilidades específicas para o negro (samba, alguns esportes, mulatas) e mesmo quando alimenta o preconceito e a discriminação social”, isto é, a escravidão não é um fato passado uma vez que determina o *modus vivendi* de uma grande parcela da população.

Nessa perspectiva, a Literatura Afro-brasileira vem se desenvolvendo como um ato político. Como afirma Maringolo (2014, p. 10) “a Literatura Afro-brasileira deve ser vista como um espaço quilombola por excelência, onde os sujeitos, criadores e narradores de seus discursos, libertam a palavra poética instaurando um espaço de lutas”. Com efeito, a literatura é um instrumento de resistência contra as imposições sociais de depreciação resultante do passado, é uma das formas utilizadas por esse grupo para transpor o lugar social que lhe foi imposto pela sociedade.

ECO-REBEL

Esta pesquisa intenciona analisar o conto “Maria”, da autora Conceição Evaristo, da perspectiva da Análise do Discurso Ecológica, para observarmos como o discurso de preconceito racial leva as pessoas a praticarem violências contra a população negra, além de determinar a forma como essa população interage socialmente. O conto “Maria” narra a história da personagem Maria, uma mulher negra, que vive em uma favela, trabalha como empregada doméstica na casa de uma família de classe alta e batalha para criar seus três filhos sozinha. Na volta para casa, depois de mais um dia de trabalho, entra em um ônibus que é assaltado pelo seu ex-companheiro, pai de seu primeiro filho e seu grande amor, e morre, vítima de linchamento, em decorrência de um engano.

A autora dessa obra, Conceição Evaristo, é a escritora negra de maior representatividade no Brasil, pois é uma militante ativa da luta contra o racismo. A escritora mineira coleciona obras de grande importância para a literatura nacional, pois a partir dos seus escritos houve um enfoque na literatura afro-brasileira que a entende como um instrumento de luta pacífica.

Para a confecção deste artigo nos alicerçamos na corrente teórica Análise do Discurso Ecológica, proposta por Couto (2014), que é um campo da Linguística Ecológica, que analisa como os discursos se constituem a partir da ideologia da vida e da visão ecológica de mundo. Ela não é uma disciplina voltada apenas para discursos ecológicos, antiecológicos ou pseudoecológico; o que ela faz é análise ecológica dos discursos em estudo.

Este artigo divide-se em três partes. Na primeira, há uma discussão sobre o que esse estudo entende por literatura afro-brasileira, evidenciando os critérios adotados pelos críticos para classificá-la. Depois, são abordados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso Ecológica, que apresenta os parâmetros de análise nos quais essa pesquisa se ancora para investigar o objeto em estudo. Por fim, mobiliza os conceitos supracitados na análise do conto *Maria*.

1. A Literatura Afro-brasileira: Um instrumento de luta pacífica

Os estudos do percurso do negro na Literatura brasileira evidenciam duas perspectivas. A primeira, aborda o negro como objeto, mostrando-o, muitas vezes como protagonista, de uma forma distanciada da sua realidade, com o que o negro é visto como tema das narrativas. A segunda perspectiva versa sobre o negro como sujeito, o autor de sua história, um indivíduo social ativo.

ECO-REBEL

Nesta visão, existe a literatura sobre o negro e a literatura do negro, como afirma Proença Filho (2004, p.176)

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira.

Essa postura da literatura relaciona-se diretamente com os movimentos de conscientização dos negros no Brasil da atualidade. Aos poucos, escritores negros e descendentes de negros estabelecem a atitude de manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia. Dessa forma, o autor Proença Filho (2004, p. 18) afirma que para ser considerada Literatura Afro-brasileira deve ser

uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. Lato sensu, será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros.

Na perspectiva desse autor, a Literatura Afro-brasileira vincula-se a uma acepção restrita, isto é, quando emerge de uma conjuntura histórica de exigência pelos negros de determinados valores caracterizadores de uma identidade. Essa vinculação ocorre através da associação aos movimentos de afirmação do negro e a partir da tomada de consciência de sua situação social.

A expressão “literatura afro-brasileira” tem gerado discussões entre autores, críticos e público leitor que buscam o reconhecimento das realizações e descobertas dos antigos e novos escritores negros e afrodescendentes. Existe uma polêmica muito intensa em relação a essa denominação, porque uma parcela da crítica não a reconhece ou a intitula de literatura negra.

De acordo com Bernd (1988), a concepção de literatura negra não está relacionada à cor da pele ou à temática do autor, mas emerge da evidência textual, cuja coerência é dada pelo advento de um eu enunciativo que se reconhece como negro. Admitir essa condição e emitir o discurso em primeira pessoa se configura como a técnica mais utilizada pela literatura negra, consistindo em um dos seus marcadores estilísticos mais perceptível. Dessa maneira, pode-se dizer que

a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do

ECO-REBEL

vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho de resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e da escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro (BERND, 1988, p. 22).

Tendo isso em vista, percebe-se que a Literatura Afro-brasileira construída na atualidade se diferencia das obras literárias anteriores que apenas utilizam o negro como tema, ou é assim caracterizada pela apresentação de um eu enunciator que se deseja negro. Como assevera Macedo (2010, p. 279), essa literatura “indicaria um conjunto de produtos, de autoria afrodescendente, que tematizaria a negritude a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do negro no Brasil”.

A literatura afro-brasileira tem existência real e mantém um diálogo permanente com a literatura brasileira, ela é atual e praticada nas grandes cidades brasileiras, além de estar presente, também, nas literaturas regionais. Ademais, pode-se afirmar que “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2011, p. 376).

Ainda fazendo coro a Duarte (2011), é importante asseverar que a produção literária afrodescendente no Brasil apresenta elementos que a diferencia e lhe confere especificidades, e que esses elementos vão além dos fatores literários, pois utilizamos alguns fatos discursivos como critérios para classificar a literatura afro-brasileira, tais como: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

No que diz respeito à temática, o negro é o tema principal da literatura afro-brasileira, contudo, ela também pode abordar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, bem como a denúncia da escravidão e de suas consequências. A “temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade” (DUARTE, 2011, p. 386).

Dentro dos aspectos temáticos, existe outra vertente dessa multiplicidade temática que se ancora na história contemporânea e que transporta o leitor para os dramas vividos na modernidade, como é o caso do conto em estudo. É necessário ressaltar que a escolha da temática afro está relacionada com sua interação com outros elementos, como autoria e o ponto de vista.

ECO-REBEL

O critério de autoria é controverso, uma vez que implica na observação de alguns fatores: o biográfico e o fenotípico, a imprecisão do que é ser negro no Brasil e a literatura negra de autoria branca. “É preciso compreender a autoria não apenas como um dado exterior, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária” (DUARTE, 2011, p. 388).

A autoria é um parâmetro que está intrinsecamente relacionado ao ponto de vista, que é o terceiro fator que define a literatura afro-brasileira. Esse critério é visto como um indicativo preciso, não somente da visão de mundo do autor, como também do conjunto de valores morais e ideológicos que estabelecem as opções até lexicais na representação (DUARTE, 2011).

O ponto de vista dentro da literatura afro-brasileira tem seu ápice com a criação da série *Cadernos negros* em 1978, onde foi veiculado pela primeira vez o conto *Maria*. Ele foi proposto pelo grupo paulista Quilombhoje, que é formado por escritores paulistas com o intuito de debater e aprofundar a experiência dos escritores afro-brasileiros na literatura nacional. Este grupo busca incentivar e viabilizar a disseminação de conhecimentos e informações, e elaborar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre a literatura e cultura negra. Dessa forma, a literatura afro-brasileira

remete à adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, a superação da cópia de modelos europeus e a assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva da afro-identidade configura-se enquanto discurso da diferença e atua como elo importante dessa cadeia discursiva (DUARTE, 2011, p. 394).

Outro critério importante é a linguagem. Esta, de acordo com Duarte (2011), é um dos elementos que demarca a diferença cultural do texto literário. A literatura é delimitada pela constituição discursiva com intuito de alcançar um determinado nível estético, além de abordar valores éticos, culturais, políticos e ideológicos. Contudo, há a necessidade de se evidenciar o trabalho com a linguagem em relação a esses valores.

Dessa forma, a linguagem é um dos parâmetros a serem observados na produção literária afrodescendente. Nessa perspectiva, Duarte (2011) assevera que a afro-brasilidade se torna perceptível a partir do leque vocabular relacionado às práticas linguísticas provenientes da África e introduzida no processo transculturador vigente no Brasil, ou como afirma Duarte (2011, p.394-395),

de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem

ECO-REBEL

signo sem ideologia. Termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da ‘cordialidade’ que caracteriza o racismo à brasileira.

O quinto critério é o maior desafio, um público específico, marcado por uma enorme diferença cultural e que visa a uma afirmação identitária. “No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma comunidade” (DUARTE, 2011, p. 398). Desse modo, essa nova literatura emerge no cenário literário brasileiro e busca interferir num processo complexo e numa área adversa, tendo grandes obstáculos para implantar o gosto pela leitura em crianças e jovens, num contexto marcado pelos meios eletrônicos de comunicação.

É nesse cenário que se institui a árdua tarefa de se levar ao leitor a literatura afro-brasileira. É preciso que os leitores tenham contato não somente com a diversidade da literatura afrodescendente, mas também com os modelos identitários que estão se reconfigurando e que essa literatura possa estabelecer um diálogo com as expectativas do público, lutando contra o preconceito e inibindo a discriminação, como ocorre com o grupo Quilombhoje.

A busca do público leva à postura do grupo Quilombhoje, de São Paulo, de ir onde o povo negro está, vendendo os livros em eventos e outros circuitos alternativos de mercado editorial. E explica a multiplicação de sites e portais na Internet, nos quais o receptor encontra formas menos dispendiosas de fruir o prazer da leitura. Resta, então, trabalhar por uma crescente inclusão digital para que se concretize nessa estratégia a saída frente às dificuldades existentes tanto no âmbito da produção editorial, quanto na rarefação de um mercado consumidor de reduzido poder aquisitivo (DUARTE, 2011, p. 399).

Em suma, para classificar a literatura afro-brasileira é imprescindível observar a interação entre os critérios estabelecidos, isto é, a temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor, parâmetros estes que necessitam estar presentes e atuar como constantes discursivas nas produções literárias afro-brasileiras.

2. Pressupostos teóricos: Análise do Discurso Ecológico

A escolha do aporte teórico desse trabalho se justifica por ele se desenvolver no seio do paradigma ecológico, que é um paradigma científico que prima pela diversidade. Esse paradigma científico funciona como um sustentáculo dos estudos ecológicos e estabelece que eles sejam analíticos, descritivos, prescritivos e objetivos (DOURADO 2017). Assim, pesquisas desenvolvidas sobre esse prisma propõem ações interventivas para a melhoria da qualidade de vida

ECO-REBEL

nos ecossistemas, e é em decorrência desse caráter interventivo e da busca por essa melhora na sociedade que adotamos a ADE, que é ecológica em sua epistemologia, ontologia e metodologia.

A Análise do Discurso Ecológica é parte da Linguística Ecológica, que emprega, de forma literal, os mesmos conceitos da ecologia biológica nos estudos da linguagem. Essa teoria se ancora na visão ecológica de mundo (VEM), o que a leva a buscar alternativas que minimizem o sofrimento e aumentem os esforços pela manutenção da vida.

Segundo Nowogrodzki (*apud* MACHADO, 2017, p. 90), a visão ecológica de mundo se configura como a “busca por ressaltar a diversidade, a cooperação, a harmonia e a tolerância como formas de bem-estar e bem conviver em uma comunidade, negando a centralidade dos poderes que venham a assujeitar, explorar, discriminar ou oprimir”. Assim, observa-se que a ADE, baseada nessa perspectiva de mundo ecológica, se propõe a analisar os discursos que perpassam pela sociedade, prescrevendo atitudes realizáveis que possam reconfigurar a homeostase do ecossistema analisado.

Por ter como fundamento epistemológico a Ecologia, a Análise do Discurso Ecológica utiliza de forma não metafórica os conceitos da Macroecologia, tais como: ecossistema, interação, adaptação, evolução, diversidade holismo e porosidade. Além de trazer outros conceitos baseados nas práxis ecológica, como: ecologia da interação comunicativa, ecoideologia/ideologia da vida, comunhão etc.

Assim como na Ecologia, o ecossistema também é o conceito central da ADE. Esse conceito aplicado à língua constitui o ecossistema integral da língua que é composto pela interação entre povo (P), território (T) e língua (L). Partindo dessa concepção é necessário que para que haja L, é imprescindível a existência de um P, cujos membros habitem e se relacionem em um T (COUTO, 2016). Esse ecossistema integral da língua é formado por outros três ecossistemas integrantes, sendo eles: ecossistema natural da língua, ecossistema social da língua e ecossistema mental da língua.

O ecossistema natural da língua se refere aos elementos físicos da língua, isto é, tanto o território, quanto o povo são entendidos como entidades físicas e a língua como a forma natural de interação desse povo. Nesse sentido, o P é visto como um povo concreto (brasileiros), L é a língua própria desse povo (português) e o território é local onde esse povo habita (Brasil), por exemplo.

Já o ecossistema social da língua é composto pelo povo organizado socialmente. Fazendo coro a Couto (2016, p. 228) nesse ecossistema “a sociedade é o ‘lugar’ em que se dão as interações

ECO-REBEL

dos seres sociais da coletividade, é o ‘território’ social, a totalidade de tudo que constitui a cultura do povo em questão, de tudo que tem valor social”. Portanto, P representa a coletividade, L um fenômeno social e T a sociedade.

O ecossistema mental da língua se ocupa da maneira como a língua é armazenada, produzida e processada no cérebro de cada indivíduo. Couto (2016, p. 226) explica que “as inter-relações da língua no interior de cérebros se dão nas conexões entre os neurônios, mais especificamente, nas sinapses entre dendritos e axônios”. Assim, P refere-se as conexões neurais, T ao cérebro e L o sistema da língua mais o léxico.

Faz-se necessário ressaltar que esses ecossistemas não atuam de forma isolada, mas simultaneamente, formando o ecossistema integral da língua. Além desse ecossistema linguístico a ADE também observa as interações que ocorrem no interior do ecossistema cultural, uma vez que entende que a “língua e a cultura são interações coexistentes e, por vezes, codependentes em uma comunidade” (DOURADO, 2017, p. 37).

O ecossistema cultural é definido por Couto (2018, p.49) como uma “totalidade dos signos e sistemas de signos de determinada comunidade, ou seja, tudo que é compartilhado por seus membros convivendo em determinado lugar, tanto no nível material como no imaterial”. Assim, esse ecossistema é parte fundamental da imagem social de um povo, pois retrata os elementos que constituem a sociedade, tais como: crença, costumes, artefatos e a língua.

Para analisar os ecossistemas a ADE lança mão da Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), que se ocupa dos componentes do fluxo interlocucional, isto é, dos elementos que constituem o diálogo. Ao se debruçar sobre os atos de interação comunicativa, ela aborda os componentes linguísticos e os paralinguísticos. Desse modo, dedica-se ao estudo do cenário onde a interação acontece, do falante e do ouvinte que estabelecem a comunicação, das regras interacionais que determinam as regularidades da interação de uma sociedade, das regras sistêmicas que dizem respeito à gramática da língua e dos circunstantes do assunto abordado no diálogo. Couto (2017, p.26) assevera que a Análise do Discurso Ecológica, nome anterior da Análise do Discurso Ecológico, é

vê no texto um produto da interação, mas um produto que é parte de uma EIC. É claro que no caso de um romance é muito difícil partir do momento em que o escritor o produziu e o leitor o leu, ou seja, é praticamente impossível abordar esse processo como um todo, o processo da interação comunicativa. É impossível reconstruir a EIC que lhe deu origem. No caso de textos filosóficos, científicos, de ficção ou poético, a dificuldade é ainda muito maior. No entanto, esse é o objetivo da concepção linguístico-ecossistêmica de texto. Ela

ECO-REBEL

faz um percurso no sentido contrário ao da tradição. Esta vai do produto para o processo de produção, às vezes ficando só no processo de produção, sendo o produto um componente desse processo.

Pautados nessa afirmação podemos ver que para a ADE o discurso é o processo de produção de sentido nas redes das interações comunicativas de uma dada comunidade. Assim, observamos que nessa perspectiva o estudo do discurso se dá como uma busca por compreender o modo que os membros de uma comunidade se inter-relacionam em sua realidade biopsicossocial, examinando textos orais e escritos produzidos, lidos e compartilhados entre eles (DOURADO, 2017, p. 133).

Dessa forma compreendemos que assim como na Ecologia os conceitos de ecossistema e interações ou inter-relações são basilares para a análise do objeto de estudo, que no caso dessa pesquisa é o conto do livro *Olhos D'água*. As interações dizem respeito a todas as formas de inter-relações entre os membros de uma comunidade, sejam elas intraespecíficas, que se dão entre seres de uma mesma espécie, ou interespecíficas, entres seres de espécies diferentes. Ademais, podem ainda ser classificadas como harmônicas e desarmônicas.

Nos contos em estudo averiguamos que as interações se dão, em grande parte, de forma intraespecíficas desarmônicas, porque, retratam conflitos entre membros de uma mesma comunidade, ou de uma mesma classe social, como no caso de Maria, que é protagonista do conto que tem por título seu nome, que é linchada dentro de um ônibus, por pessoas da classe trabalhadora assim como ela, por acreditarem que era cúmplice dos bandidos que assaltaram o ônibus.

O conceito de holismo é uma nova forma de compreensão científica, pois baseia-se na ciência moderna que em suas análises parte do todo para as partes. Capra (2002, p. 81) assim se pronuncia sobre essa questão: “enquanto na mecânica clássica, as propriedades e o comportamento das partes determinam as propriedades e o comportamento do todo, a situação na mecânica quântica é inversa: é o todo que determina o comportamento das partes”. Dessa forma, para estudarmos o conto “Maria”, do livro *Olhos D'água*, de forma holística é necessário observarmos toda a história, para depois nos atermos aos detalhes que levaram ao desfecho da narrativa.

Os organismos estão sempre se adaptando ao meio ambiente em que vivem, pois os que não se adaptam tendem a se extinguir. O meio ambiente está sempre se transformando e, para que os seres continuem inseridos nele, eles precisam se adaptar a essas novas configurações. Essas transformações surgem com o intuito de preservar a homeostase do ecossistema, como asseverado

ECO-REBEL

por Couto (2007, p. 32), “sempre que houver alteração em determinado ponto da teia de relações, algum tipo de alteração ocorrerá com o objetivo de manter a integridade do todo.” Na obra em estudo é perceptível a insistente tentativa da personagem em se adaptar a tudo que a vida lhe impõe.

Desse modo, adaptação e evolução caminham juntas, pois adaptar-se é evoluir. O ecossistema está sempre evoluindo devido ao seu caráter dinâmico. Alguns autores têm preferência por utilizar termos como “transformação” no lugar de evolução, já que esta traz, em sua carga semântica, a ideia de mudança para melhor, porém, não é sempre que essas transformações trazem benefícios. Em Couto esse termo é preservado, porque ele o utiliza para indicar os rearranjos que ocorrem no meio ambiente, causados por essa característica dinâmica e evolutiva.

Para Couto (2015a, p. 40), a evolução “tem muito a ver com adaptação. Adaptar-se é evoluir, evoluir é adaptar-se. O nascimento, envelhecimento e morte de um organismo ou de uma espécie é evolução que não tem uma teleologia. Ela se dá ao acaso, mesmo que no sentido da teoria do caos.” O que invalida a falsa ideia de que evoluir significa aperfeiçoar, avançar, progredir. Essa concepção distorce, inclusive os postulados de Darwin sobre a evolução, uma vez que ele afirma que o indivíduo evolui para adaptar-se.

O conceito de porosidade nos estudos do ecossistema é imprescindível, pois o ecossistema é poroso, difuso e fluído. Ao observar suas características, notamos que não há uma linha limite entre cada ecossistema e, por não haver uma delimitação prévia, cabe ao observador delimitar o ecossistema que irá estudar. Contudo, mesmo depois de este ter sido delimitado pelo observador, ele pode se sobrepor por meio das migrações e da troca de energia entre eles. Em síntese, pode-se afirmar que os ecossistemas não existem de forma isolada e, ainda, que eles interferem uns nos outros. De acordo com Couto (2007, p. 34), “os ecossistemas, mesmo após assim delimitados pelo observador, se imbricam uns nos outros, havendo migrações de organismos entre eles, troca de matéria e energia, de modo que é difícil, se não impossível, dizer-se onde termina um ecossistema e onde começa outro.”

Tão ou mais importante do que a porosidade é o conceito de diversidade, que diz respeito à ampla variedade de espécies de organismos que compõem o ecossistema. A Ecologia entende que todo ser tem um papel no ecossistema e sem ele o ecossistema perderia o equilíbrio. Mesmo que os humanos não percebam sua importância, na perspectiva da natureza ela tem uma função. Isto é, “a presença de um predador pressupõe a da presa, e ambos são necessários para o equilíbrio

do sistema. Afinal sem o grande não há o pequeno, sem o fraco não há o forte, sem o feio não há o bonito” (COUTO, 2007, p. 34).

Contudo, o principal conceito trabalhado pela ADE é o da Ideologia da vida, que se posiciona de forma contrária a todo sofrimento evitável. O sofrimento pode se dar de três modos: mental, social e físico. O sofrimento mental é ocasionado por atitudes que constroem e oprimem o sujeito. O sofrimento social ocorre quando o indivíduo é exposto e ridicularizado em público. Já o sofrimento físico se configura como ações contra o corpo do sujeito, tendo como ápice a morte. No conto em estudo, como observaremos a seguir, a personagem é exposta a todos os tipos de sofrimento.

3. Maria sob o olhar Ecológico

O Brasil, assim como todo o Ocidente, adota uma visão de mundo bipolar, pois em sua visão excludente não há a junção dos opostos e sim uma ruptura, os conceitos são encarados de forma polar, como bom/ruim, alto/baixo, escuro/claro e longe/perto; nessa concepção ou se escolhe um ou outro.

A Análise do Discurso Ecológica possui uma concepção diferente, por adotar uma visão oriental, baseada no Taoísmo, que entende que os dois polos são parte integrante de um todo, ou pela visão ecológica de mundo, defendida e praticada por Fritjof Capra e Arne Naess. Nessa concepção, “os termos polares não devem ser separados mediante uma barra (/), mas unidos por um hífen (-), que junta duas palavras diferentes para formar um composto (como *menino-prodígio*), um todo; ele funciona como uma ponte” (SILVA, 2020, p.97).

O conto “Maria”, analisado neste artigo, é marcado por essa cosmovisão ocidental; temos uma protagonista negra e pobre, num sentido antagônico ao que é considerado ideal pela nossa sociedade, isto é, branca e rica, características do colonizador. Por não estar em conformidade com as práticas de população hegemônica, a personagem é desconsiderada e até mesmo agredida, por não a considerarem importante.

Assim, a história pessoal de Maria é atravessada pela história social, uma vez que a violência a que é submetida é um reflexo da hostilidade que vem se propagando, desde a constituição do Brasil, contra o negro, por ser um povo de cor diferente do europeu. Nesse sentido, observa-se que a discriminação racial na atualidade é fruto de uma memória em que o colonizador julgava o negro como raça inferior e incapaz.

ECO-REBEL

Recorte I

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. **Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço.** A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida (EVARISTO, 2016, p. 39-40, grifo nosso).

Conceição Evaristo inicia a história apresentando o contexto da vida da protagonista Maria. Ela era uma mulher humilde, estava feliz por levar para casa os restos de comida que tinham sobrado da festa da casa da patroa no dia anterior. Era uma mulher batalhadora que utilizava transporte público, trabalhava de doméstica em casa de família e criava os filhos sozinha. A narrativa a apresenta como uma boa mãe, pois durante todo o conto é possível vê-la pensando nos filhos, no xarope que iria comprar, pois os filhos estavam gripados, se os filhos iriam gostar das frutas que estava levando.

Nesse excerto, percebe-se que a escritora apresenta as duras vivências de mulheres negras em matéria de suas histórias ficcionais. Segundo Conceição Evaristo (2009, p.19-20), a Literatura Afro-brasileira “dá visibilidade a negros, valoriza a etnicidade, uma vez que expõe a identidade negra das personagens, destacando os aspectos físicos e os aspectos culturais que trazem a africanidade, e evidencia tanto a inclusão quanto a exclusão sofrida por afrodescendentes no Brasil”. A autora ainda acrescenta que “faz-se necessário que a literatura afro-brasileira se torne, cada vez mais, conhecida, por trazer esse discurso que não estereotipa a população negra, mas sim valoriza e dá-lhes o direito de significar”.

Dessa forma, observa-se que o projeto literário no qual o conto em estudo está inserido é uma forma de denúncia, de reescrita de história, é um modo de enfrentamento diante dos discursos racistas que excluem o negro. Nesse sentido, pode-se dizer que esse conto é um instrumento de luta aos moldes de Gandhi, uma das inspirações da ADE, pois nessa narrativa a autora denuncia e

ECO-REBEL

manifesta-se em defesa da comunidade afrodescendente, utilizando as palavras para prescrever e recomendar uma atitude em defesa da vida de todos que constituem nossa sociedade.

Evaristo (2009, p. 18) ao comentar sua escrita diz: “quando escrevo, quando invento, quando crio minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”. Assim, pode-se dizer que suas histórias estão embebidas na sua luta contra o preconceito racial.

Recorte III

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela **puta safada** lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: **Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois**. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: **Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!** O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, **a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher**. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (EVARISTO, 2016, p. 41-42, grifos nosso)

Nesse excerto, ao observarmos as escolhas lexicais utilizadas para se referir a Maria, percebe-se uma hostilidade. O termo *puta* está relacionado a mulher libertina, que não tem pudor, e isso remete a uma mulher que não possui valores. O vocábulo *safada* diz respeito a uma pessoa obscena, desavergonhada. Essas palavras são utilizadas contra a protagonista porque vivemos em uma sociedade machista que trata a mulher com inferioridade, legitimando essas atitudes de violência contra a mulher, como afirma Ritt, Cagliari e Costa (2014, p.15):

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido.

Essa violência no conto “Maria” ultrapassa o campo verbal e vai para o campo físico, pois além de ofender a protagonista com adjetivos pejorativos, o rapaz, que incita todos contra a

ECO-REBEL

personagem, ainda lhe dá um tapa na cara. Aqui pode-se notar que é construído um discurso de superioridade e poder sobre Maria, uma vez que se sentem no direito de utilizar vocábulos pejorativos e ainda agredi-la fisicamente, como se ela não tivesse nenhum valor.

Vê-se que Maria está sendo submetida a todos os tipos de sofrimento. Couto, Couto e Borges (2015, p. 142), afirmam que “no caso dos humanos, o sofrimento pode ser físico (natural), mental ou social”. A protagonista é humilhada diante de muitas pessoas expondo seu eu social, sofre muita pressão abalando o seu psicológico e é agredida fisicamente causando-lhe dor.

Quando Maria responde às ofensas a que estava sendo submetida, a denominam de *negra atrevida*. “O racismo é uma atitude que se manifesta na língua com muita frequência. Expressões pejorativas para com pessoas da raça negra são muito comuns” (COUTO, 2007, p. 352). O negro é considerado inferior e sempre tratado de maneira depreciativa, a identidade negra

é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as) (GOMES 2005, p. 43).

Ao se posicionar em pé de igualdade com os agressores, que se sentiam superiores, Maria tenta contrapor-se ao lugar social relegado aos negros, buscando mudar essa situação de desigualdade e inferioridade na qual ela se encontra.

A ADE prima pelo respeito à diversidade, uma vez que “a não aceitação da diversidade implica intolerância, o que pode conduzir à agressividade e à violência, sobretudo contra as minorias de todos os tipos” (COUTO, 2016, p. 446). Essa intolerância é percebida no conto Maria, uma vez que a não aceitação do negro acarretou o linchamento de Maria e sua morte, que para a ADE é considerado o sofrimento máximo.

Considerações finais

Conceição Evaristo, que ao escolher essa temática e não outra, assume sua condição de mulher e negra, se posiciona lutando pela igualdade racial e de gênero e representando tantas vozes silenciadas, como a da personagem Maria, que compõem essa parcela da sociedade. A autora utiliza a literatura como um meio de adaptação para viver nessa sociedade racista, pois o grupo que não se adapta à evolução, seja ela biológica ou cultural, tende a deixar de existir (COUTO,

2016). E esse conto apresenta uma forma de defesa da vida negra, uma tentativa de continuar existindo.

O conto aqui estudado é um instrumento de denúncia, utilizado pela escritora para revelar as vivências e sofrimentos da mulher negra e pobre nesse país, relatando a história de uma mulher que dentro de suas limitações enfrenta uma sociedade patriarcal e preconceituosa. Essa narrativa evidencia a discriminação e o preconceito contra as pessoas negras e de classe econômica desfavorecida, colocando em foco, por meio de interações desarmônicas, o desprezo e a exclusão sofridos pelas pessoas negras e do sexo feminino.

Por fim, percebeu-se que toda a violência e sofrimento vivenciados pela personagem Maria foi em decorrência de conceitos pré-estabelecidos, relacionados à mulher e ao negro, que ainda estão presentes na memória coletiva do povo brasileiro. É essa memória que ainda revela a identidade do negro em nossa sociedade.

Referências

BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CAPRA, F. *O tao da física*. São Paulo: Editora Cutrix, 2002.

COUTO, Hildo H do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

_____. Linguística Ecolinguística. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 39-62, 2015. Disponível em: (11/01/2017).

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

_____. Ecosistema cultural. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 1, p. 44-58, 2018. Disponível:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9914/8757> (14/05/2019).

_____. Linguística Ecolinguística Crítica ou Análise do Discurso Ecológica. In: COUTO, E. et al. (orgs.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e Metáfora*. Brasília: Thesaurus, p. 27-41, 2014.

COUTO, H. et al. (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do Discurso ecológica – ADE*. Campinas: Pontes Editores, 2015. DOURADO, Zilda. *As inter-relações entre*

língua, corpo e cultura na roda de capoeira sob o viés da Ecolinguística. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. 138p.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2011.

EVARISTO, Conceição. “Maria”. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta* v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510> (22/07/2019).

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: SECAD, 2005. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> (22/07/2019).

MACEDO, Tania. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: algumas questões. In: SECCO, Carmen T.; SALGADO, Maria T.; JORGE, Silvio R. (orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ /Angola: UEA, 2010. p. 277-84.

MACHADO e SILVA, Lais Carolina. O discurso político de Marina Silva sob a perspectiva da análise do discurso ecológica. Dissertação de Mestrado: UFG, 2016. MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vincêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: Construindo histórias por meio de retalhos de memórias*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras Campus Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014, 132p.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 161-93, 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017 (28/05/2020).

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da. *Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s.d. Disponível em:

http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigo_violencide%20genero (22/07/2019).

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)* v. 06, n. 02, p. 90-106, 2020. Disponível em:

ECO-REBEL

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622> (07/11/2020)

Aceito em 30 de dezembro de 2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.